

Bird assume negociação da dívida em setembro

-6 JUN 1987

Moisés Rabinovici
Nosso correspondente

A data e o local em que o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, vai assumir o papel de líder para a solução do problema da dívida dos países em desenvolvimento, como anunciou anteontem, já estão marcados: dia 29 de setembro, no Washington Hilton. "O Banco Mundial estará reunido, então, para a assembleia anual, tendo já superado sua reorganização interna" — explicou ontem um porta-voz do banco a **O Estado** e ao **JT**.

O discurso de anteontem, no Hudson Institut, apenas antecipou um esboço de estratégia que levará o Banco Mundial a desempenhar um papel central entre os bancos credores e os países devedores. Os planos estão sendo agora detalhados. E falta ainda nomear um vice-presidente do banco, que seria encarregado exclusivamente da crise internacional da dívida.

Barber Conable, em seu discurso de anteontem, prometeu encorajar as operações de conversão de dívida em investimento, colocando à disposição uma das afiliadas do banco, a International Finance Corporation.

Um ex-embaixador norte-americano no Brasil, entre 1961-66, o economista Lincoln Gordon, concorda com Barber Conable, achando que este é o caminho certo. Ele trabalhou com o secretário de Estado George Marshall no plano de reconstrução da Europa, no pós-guerra, e, diante dos apelos para sua reedição, hoje,

revisto e ampliado para os países do Terceiro Mundo, acrescenta:

"O problema, a meu ver, é de um tipo diferente. Primeiro, porque no momento do Plano Marshall, os Estados Unidos eram o único país dominante na economia mundial. Hoje temos o Japão, a Alemanha e os outros países europeus. Qualquer plano, então, teria que ser internacional, e não unilateral."

A Conferência de Veneza não resultará em nenhuma solução para o problema da dívida, segundo Lincoln Gordon, que hoje, aos 74 anos, está no Brookings Institution, em Washington, acabando um livro sobre a



Conable: no papel de líder

Europa Oriental, e pensando num novo, sobre o Brasil, comparando seus problemas da década de 60 com os atuais. "O que espero é algo muito modesto, que seria um reconhecimento do problema da dívida como um problema internacional que requer, para uma solução, a cooperação dos governos dos países credores." Barber Conable, em seu discurso, também mencionou, com esperança, a reunião dos sete líderes dos países industrializados, em Veneza, começando na semana que vem, o que ele espera, principalmente, cooperação. Mais do que isso, reconhecem alguns de seus assessores, seria um exagero, pois os líderes que se reúnem estão em fins de mandato, ou enfrentando problemas internos em seus países.

Analisando a decisão do Citicorp de elevar suas reservas para cobrir perdas com seus empréstimos à América Latina, especialmente o Brasil, e que está sendo seguida por outros bancos americanos, Lincoln Gordon chega a uma conclusão original: "Duvido muito que o Citicorp e outros grandes bancos de Nova York, São Francisco e Chicago não continuem emprestando dinheiro".

E ele explica, tomando como exemplo o Citicorp: "O Citicorp está engajado com o Brasil, e não pode sair de lá. E reconhece este fato. Não quer criar uma crise internacional. Não quer ser um obstáculo à renovação do desenvolvimento brasileiro. Ao contrário: o interesse dos bancos, de todos os credores, é o de que o Brasil recomece um desenvolvimento sadio".

ESTADO DE SÃO PAULO